

**ESPINOSA**

AMOSTRA

# ESPINOSA

AMOSTRA

LIVIA GARCIA  
ROZA



Rio de Janeiro, 2025

Em homenagem à literatura de Luiz Alfredo Garcia-Roza.

AMOSTRA

# SUMÁRIO

PREÂMBULO	11
1.	13
2.	15
3.	18
4.	20
5.	22
6.	25
7.	27
8.	29
9.	31
10.	33
11.	36

<b>12.</b>	39
<b>13.</b>	41
<b>14.</b>	44
<b>15.</b>	47
<b>16.</b>	50
<b>17.</b>	52
<b>18.</b>	54
<b>19.</b>	56
<b>20.</b>	58
<b>21.</b>	60
<b>22.</b>	62
<b>23.</b>	66
<b>24.</b>	69
<b>25.</b>	71

AMOSTRA

26.	73
27.	75
28.	77
29.	79
30.	81
31.	83
32.	85
33.	87
34.	89
35.	91
36.	94
37.	97
38.	99
39.	101

AMOSTRA

40.	103
41.	105
42.	108
43.	110

AMOSTRA

# PREÂMBULO

Moro sozinha, no décimo andar de um edifício na avenida Rui Barbosa, rodeada por livros, numa espécie de biblioteca, em frente ao Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. No lado oposto à minha rua, descortina-se o bucólico bairro da Urca. A vista da janela da frente de meu apartamento é ampla e bem animada. Navios, barcos, veleiros, lanchas, iates e, à tarde, pesqueiros vêm lançar suas redes na enseada. Completando a vista, os bondinhos do Pão de Açúcar no seu eterno vaivém.

Este mês completam-se dois anos da morte do meu marido. A morte é um instantâneo. Uma hora se está, em outra não se está mais. Atravessei esses dois longos e infinitos anos. Nos primeiros tempos de viuvez, eu sentia uma dor violenta; havia momentos em que não sabia como iria suportar. O luto é um processo duro, sem trégua, implacável.

Luiz Alfredo me deixou vagarosamente. A doença, insidiosa, foi tomando conta do seu pensamento, de suas ideias, do que o fazia tão rico. Perdemos a luta. Meu marido perdeu a vida e eu o perdi. Perdi a presença e ganhei a eternidade das lembranças. Adeus, companheiro morto, águia morta, mestre morto. Um dia, com o companheiro estarei.

Noite passada, um sonho me fez despertar. Sonhei que não conseguia falar com Luiz Alfredo pelo telefone. Eu tentava e não conseguia. Ele então me mandava mensagens, mas a letra era tão pequenina que eu não conseguia decifrá-la. E o sonho se repetia, como a me dizer que eu não conseguiria mais me comunicar com ele. Penso que internamente se processou um afastamento. Antes,

ele estava presente no sonho, agora eu tentava me comunicar com ele e não conseguia. Um passo foi dado. A perda se elabora. O luto se processa.

Venho me acostumando a viver sem meu marido. A ser Livia, só. Na verdade, uma outra Livia. Desenrolando o filme para trás, mas também seguindo em frente. A vida me deu muito, mas também quis muito de mim. E a película continua. O amor continua porque não sabe onde parar. Não há bandidos nem mocinhos. Apenas um homem e uma mulher.

AMOSTRA

# 1.

Num desses dias, em que Lina já havia se despedido — saíra cedo porque tem criança pequena em casa —, Livia abriu o caderno em que estava tomando notas para uma próxima história, quando o interfone tocou. Foi atender, e o porteiro disse que havia um homem na portaria que desejava lhe fazer uma visita de condolências. Perguntou de quem se tratava, e ele respondeu que o sujeito queria lhe fazer uma surpresa.

Hesitou entre deixá-lo subir ou deixar que fosse embora. Disse ao porteiro que iria pensar, que não demoraria em lhe dar uma resposta. Desligou o interfone. Pensou, num átimo, em ligar para uma de suas filhas, contudo não o fez porque sabia o que iria ouvir. Obviamente, elas não iriam querer que um desconhecido visitasse a mãe, que morava sozinha. Voltou ao interfone e disse que o desconhecido poderia subir, mas que ele, o porteiro, ficasse de sobreaviso. Ele respondeu que ficaria atento, e que o homem tinha ido tomar um café no posto, quando voltasse lhe daria o recado.

Vinte minutos depois, pensou que o sujeito havia desistido e ido embora, quando escutou o barulho do elevador. Sentiu o corpo retesar e a coluna doer. Abriu a porta da frente e ficou vigiando o movimento do elevador, que, naquele momento, estava parado. Passados alguns instantes, este começou a se locomover lentamente, no ritmo próprio do elevador da frente. Silenciosamente, ela contava os andares até entrever o elevador chegar, a porta de ferro correr, a outra porta se abrir, e um homem da altura de Luiz Alfredo, que regulava com ele em idade, surgir. Instantaneamente,

um arrepio percorreu seu corpo quando o desconhecido, estendendo a mão para cumprimentá-la, se apresentou:

— Muito prazer, Espinosa.

AMOSTRA

## 2.

Então esse é o famoso Espinosa, o detetive das histórias do meu marido... Pensou, ao ver o sujeito adentrando sua casa. Charmoso como ela o imaginava. Lembrava muito o Luiz Alfredo...

Ele continuava de pé na sala, enquanto ela fechava a porta, esperando, claro, que ela se sentasse primeiro.

— Vamos nos sentar — disse. — Fique à vontade, delegado.

Antes de se sentar, ele passeou os olhos sobre a Enseada de Botafogo e disse que tinha uma vista muito bonita dali.

— Bonita, não é mesmo?... — repetiu.

Sentaram-se frente a frente. Espinosa usava um blazer de camurça marrom, calça bege, e camisa azul-clara. Fazia frio no Rio. Sapatos italianos? Bem provável. Vestia-se cuidadosamente. O resultado era charmoso. Elegante. E dava para notar que ele era observador, olhava para tudo discretamente, e tinha um olhar firme e penetrante.

— Como você está, Livia? — perguntou.

— Melhor do que há um ano. Oscilo menos agora. Mas é muito difícil. Luto não passa porque não é doença, mas abrandada. Aceita um cafezinho, Espinosa? Um uísque?... (Senti que me estendi na resposta...)

— Não, obrigado. Tomei café antes de subir. Vocês estavam casados há muito tempo?

— Quarenta e quatro anos.

Espinosa fazia muitas perguntas e poucos gestos para falar. Também nisso se assemelhava a Luiz Alfredo. Ambos eram minimalistas.

— Você tem filhos, netos?...

— E um bisneto — ela completou.

— Bisneto?

— Sim, mas ele mora fora.

— Onde?

— Em Los Angeles.

— Você deve sentir saudades.

— Muitas. Mas a vida dele é nos Estados Unidos, com os pais.

Luiz Alfredo dizia que se soltassem o Oliver, chama-se Oliver, numa das esquinas em Los Angeles, ele voltaria contratado.

— Então é um belo menino.

— Lindo! — respondeu.

— O que você tem feito, Livia?

— Tenho lido e escrito, bastante.

— Romance? Conto?

— Romance, conto, infantil... Escrevo e leio sempre. Hoje mesmo peguei a Odisseia, de Homero, livro todo marcado por Luiz Alfredo. Na condução de um expert, a aventura é outra, não é mesmo?...

— Você sempre morou aqui?

— Não, morei em alguns lugares no Rio, o último, antes de virmos para cá, foi no Jardim Botânico. E durante toda a infância morei numa casa em Icarai. Ainda sinto muitas saudades de lá, daquela Icarai, da “nossa Riviera”, como a chamávamos.

Estava falando mais do que lhe era perguntado...

— Não queria deixar de fazer uma visita. Conhecê-la pessoalmente. Garcia-Roza dizia que você era muito bonita. Ele tinha razão.

— Obrigada, delegado.

— Agora já estou indo — levantou-se —, era só mesmo uma visitinha, ainda tenho que dar uma passada na delegacia. Estou com um caso em andamento. Está tudo tranquilo por aqui?

— Que eu saiba, sim, está.

— De todo modo, vou mandar meus policiais vasculharem o Morro da Viúva. Você mora numa região muito visada, uma área nobre do Rio. E assim dizendo, entregou seu cartão. Estou inteiramente ao seu dispor. Ligue sempre que precisar. Tornou a apertar a sua mão e saiu.

— Um dia talvez eu lhe conte a história de um irmão... — ela disse, precipitando-se.

— Estou às ordens para escutar — ele respondeu, voltando-se, e em seguida tornou a se despedir.

Ela ficou na porta, esperando o elevador descer, levando um homem muito, muito interessante.

AMOSTRA

### 3.

Quando podia imaginar que iria conhecer o Espinosa e que ele iria à sua casa para lhe fazer uma visita?... Quanta surpresa nesta vida... E que homem encantador; educado, discreto, gentil, um gentleman! Gostaria de contar a ele o que sucedeu a um dos meus irmãos... É bem história para delegado. Quase lhe contou ali mesmo, mas ele poderia achar que ela estaria se aproveitando de um momento de delicadeza para vir com uma história pesada... Contudo, precisava dividir isso com alguém. E ninguém mais apropriado para escutar do que um delegado.

Como sua neta caçula viria almoçar no dia seguinte, resolveu que comentaria com ela e ouviria sua opinião. Laís é uma menina sensível e inteligente, terá boas coisas a dizer, pensava Livia, ainda não convencida se deveria ou não contar a história. No dia seguinte, Laís chegou com biscoitinhos de nata. Sempre delicada. Depois do almoço conversaram, e Livia contou sobre a ideia de dividir a história de L.E. com o delegado Espinosa. Laís gostou e achou que seria de grande ajuda. Na escuta de um especialista sempre temos a ganhar, ela disse.

Conversaram um pouco mais sobre o assunto e depois trocaram ideias sobre ficção. Ela é boa leitora, e passaram boa parte da tarde conversando sobre livros, até a hora de ir embora. Voltar a trabalhar. Dirigia uma empresa que tem a ver com a área médica, mas que Livia sempre esquecia o nome... Agora, a sós, voltou a pensar no assunto de seu irmão. Estava inclinada a contar, mas ia ligar para o Espinosa assim tão rápido, tão íntima, tão cedo? Não, Livia. Contenha-se. Segure seus impulsos. Refreie-se.